

28/6/83  
duplicata

Serpa, Ivan

O GLOBO  
28 JUN 1983  
PESQUISA  
ABRIL

Serpa: 'Não me entrego, não. Vou até o final'



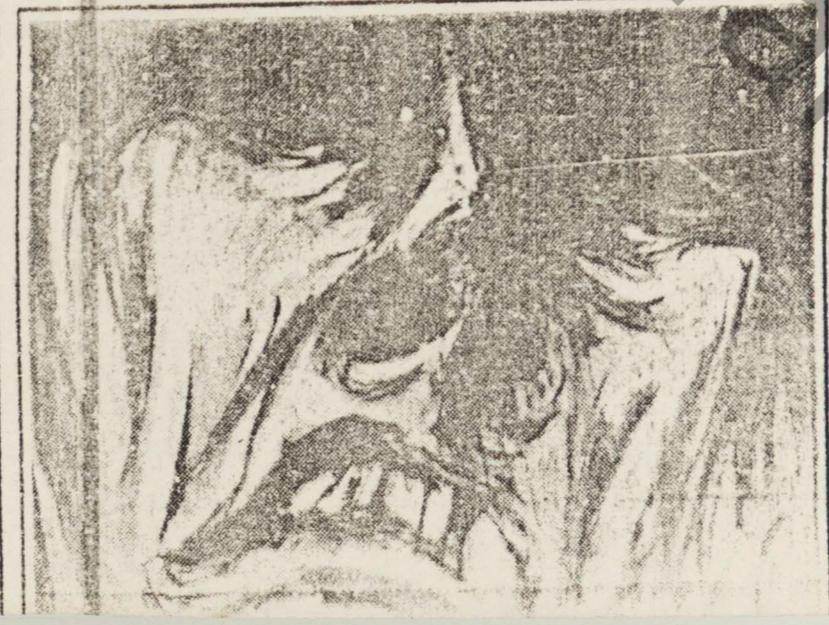
Quadro de Ivan Serpa. Os estilos mudam, mas as telas são sempre de grandes proporções

# Dez anos sem Ivan Serpa, o experimentador das cores e das formas

EDILBERTO COUTINHO

**A**cho que o que procuro produzir representa, de certa forma, o mundo de hoje. Um mundo contraditório, em que se constroem engenhos diabólicos de destruição e se põe o homem a fluir

Vietnã, que assume grandes proporções em sua pintura de denúncia. Era um homem com a coragem das "decisões irreversíveis" — como ele dizia, referindo-se às constantes mudanças formais que imprimiu ao seu trabalho — e, assim, passou do concreto para o chamado "informal", deste para o realismo, saltando daí para o fantástico até que, novamente, a "construção" se



vã figuras que eram "quase monstros, ou piores ainda". E dizia, em 1971: — Agora, o desenho acabou. O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com o que vivo, o que observo. Trabalho todos os dias. E há momentos em que não sinto vontade de fazer coisa alguma. Sem aflição. A vida é que determina tudo. De acordo com a maré

fa' copiados e catalogados

**A**o que procuro produzir representa, de certa forma, o mundo de hoje. Um mundo contraditório, em que se constroem engenhos diabólicos de destruição e se põe o homem a flutuar no espaço cósmico, enquanto há milhões morrendo de fome e ninguém se incomoda.

Assim o pintor Ivan Serpa — nascido em 1923 no Rio, onde morreu, em abril de 1973, aos 50 anos — sintetizava suas preocupações, ao mesmo tempo que procurava uma definição para seu trabalho. Nesse mesmo depoimento, de 1965, ele se perguntava:

— Numa época dessas, pode o pintor fechar os olhos aos problemas do mundo? Vai ele pintar por pintar? Só vejo dois caminhos para o artista: contribuir para o desenvolvimento técnico, trabalhando na indústria, ou denunciar as contradições, as injustiças, fazendo os outros homens refletirem.

Ivan Serpa mudou frequentemente de estilo, de acordo com suas solicitações interiores. Ganhou renome nos anos 50, como integrante do movimento concretista que, na década seguinte, iria repudiar:

— A fase foi fruto de um equívoco. Não tinha sentido tentarmos fazer uma arte altamente técnica e sofisticada num País subdesenvolvido. Deveríamos ter seguido nossa arte botocuda e estaríamos hoje em melhor situação. Mas faltaram orientadores, faltou lucidez.

Em meados dos anos 60, a arte de Ivan é toda voltada para motivos políticos. Denomina-a de "fase negra", retratando, problemas não apenas locais, mas mundiais, como a guerra do

homem com a coragem das "decisões irreversíveis" — como ele dizia, referindo-se às constantes mudanças formais que imprimiu ao seu trabalho — e, assim, passou do concreto para o chamado "informal", deste para o realismo, saltando daí para o fantástico até que, novamente, a "construção" se impôs.

Um homem sempre "no desvio"? Para o crítico Frederico Moraes, "esse desvio devia ser entendido como um grito, um protesto". E o próprio Ivan Serpa é quem afirma:

— Sim, um protesto contra tudo. Nós estávamos no caos. A situação atual — escreve dois anos antes da morte — não é muito diversa, e precisamos gritar novamente. Quando senti que era necessário, dei o meu grito. E ele ecoou a ponto de um cartaz de uma exposição minha ter sido proibido na ENBA, depois de tachado de subversivo por seu diretor.

E acrescentava: — Afinal, o artista é, antes de tudo, homem e, quando este homem é casado, brasileiro, quando dele dependem muitas pessoas quando, pela manhã, precisa desembolsar o dinheiro para o pão, o leite, a carne e, no fim do mês, pagar as contas do colégio, do médico etc., ele sabe que as coisas não vão bem, não só para ele, mas para todos.

Os problemas se acumulam e são transfigurados nos "vãos desassossegados" do pintor, em gritos conscientes, contra tudo e contra todos expressos, agressivamente, na tendência à macrocefalia em sua pintura figurativa.

Depois, o berro se esvai e Ivan Serpa decide retornar à ordem, à construção rigorosa de sua arte, ao "construtivismo", ao "bem-casado". E diz:



Pintura de Serpa da série 'A cabeça'

— Sempre fui construtivo. Se arte é a superação permanente, tinha de retornar à ordem. Jamais voltarei a uma arte figurativa. Meu destino como artista é a construção, a ordenação clara, serena, racional.

Na realidade, o artista lutou sempre contra rótulos, preferindo, em qualquer circunstância, atender aos seus "apelos interiores" dentro, aliás, de um conselho recebido de Georges Bernanos: "E melhor não agradar, mas ser autêntico."

Ivan Serpa conheceu, assim, a contradição e a controvérsia em torno à sua obra, porque ignorou as concessões. Ele se exigia a mesma autenticidade que reclamava das crianças, suas alunas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, condicionadas às vezes — conforme verificava — por "observações impertinentes" dos pais. E oferecia essa lição de liberdade na criação artística:

— Se uma criança pintar um morro azul, ou um cavalo rosa, não se deve dizer que está errada, porque essa expressão é um símbolo. No caso do cavalo cor-de-rosa, o menino de 11 anos, meu aluno, estava mais

preocupado com a beleza da cor do que com a realidade. E, como todo artista é um transfigurador, ele estava certo.

Ivan Serpa começou a pintar em 1947. Era professor de francês e, nas horas vagas, fazia "os primeiros rabiscos". Depois, surgiu um interesse mais profundo pelas artes, até se tornar aluno de Axel Leskocheck, mestre também de Almir Mavignier e Fayga Ostrower. As primeiras pinturas eram paisagens com árvores.

Quatro anos depois (1951), ganha o Prêmio Jovem Artista Brasileiro na I Bienal de São Paulo. Logo depois, já totalmente integrado no movimento concretista, liderado por Ferreira Gullar, fundou o Grupo Frente, formado pelos primeiros pintores e artistas concretistas, entre eles Aloísio Carvão, Lígia Pape e Hélio Oiticica. Durante 14 anos, até 1964, Ivan Serpa trabalhou no Departamento de Restauração de Livros da Biblioteca Nacional, da qual saiu aposentado. Em seu trabalho com livros velhos, conheceu o anóbio — cupim que ataca o papel — que usou em muitos quadros para simbolizar a destruição. Por essa época (1965), pinta-

bu. O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com o que vivo, o que observo. Trabalho todos os dias. E há momentos em que não sinto vontade de fazer coisa alguma. Sem aflição. A vida é que determina tudo. De acordo com a maré é que as coisas vão sendo traçadas. As derrotas ensinam mais do que as vitórias. E dão forças para outros embates. Não me entrego, não. Vou até o final.

Nos últimos anos de vida, Ivan Serpa se voltara para a temática erótica que, para ele, era "válida quando autêntica", ou seja, quando "deixava de ser simples pornografia". Através do erotismo, sentia que se aproximava mais de "uma consciência total", não só dele mesmo como das "coisas e das pessoas que me cercam".

Aos desenhos eróticos, seguiram-se experiências com objetos, retomando pesquisas no campo dos efeitos óticos. E a morte o encontrou trabalhando, sempre um experimentador, em seu ateliê do Méier. Sucumbiu a um segundo enfarte — o primeiro ocorrera dois meses antes — e, coberto de rosas, conforme sua vontade, foi sepultado em 20 de abril de 1973, depois de ter o corpo velado, desde o dia anterior, pela família, amigos e dezenas de artistas jovens, no Cemitério São João Batista, no Rio. Em 1974, o Museu de Arte Moderna do Rio realizou a monumental Retrospectiva — 274 pinturas, desenhos, gravuras e objetos — homenagem da cidade onde nasceu, viveu praticamente toda a sua vida e morreu, esse artista exemplar que foi o carioca Ivan Serpa.